



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA FAMÍLIA**

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

**AS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DE VAZIO EXISTENCIAL E A
VONTADE DE SENTIDO NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME O
PEQUENO PRÍNCIPE À LUZ DA LOGOTERAPIA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

AS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DE VAZIO EXISTENCIAL E A VONTADE DE SENTIDO NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME O PEQUENO PRÍNCIPE À LUZ DA LOGOTERAPIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Orientadora: Prof. Ms. Raisia Fernandes Mariz Simões

CAMPINA GRANDE - PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633e Gomes, Allany Kaline Nascimento.

As expressões contemporâneas de vazio existencial e a vontade de sentido na infância [manuscrito] : uma análise do filme O Pequeno Príncipe à luz da Logoterapia / Allany Kaline Nascimento Gomes. - 2023.

18 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Raisa Fernandes Mariz Simões, Centro Universitário Unifacisa."

1. Infância. 2. Busca de sentido. 3. Vazio existencial. I.

Título

21. ed. CDD 616.891 6

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

AS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DE VAZIO EXISTENCIAL E A
VONTADE DE SENTIDO NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME
O PEQUENO PRÍNCIPE À LUZ DA LOGOTERAPIA

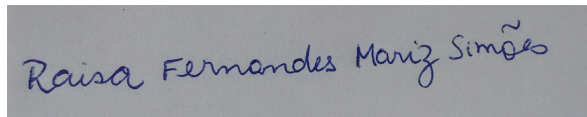
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica

Linha de pesquisa: Promoção à Saúde e Qualidade de Vida.

Aprovada em: 15/04/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Raisia Fernandes Mariz Simões
(Orientadora) Unifacisa Centro Universitário



Profa. Ma. Patrícia Maíra
Ingrasonato Universidade do Vale do
Itajaí



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos
Universidade Estadual da Paraíba

DEDICATÓRIA

Ao meu Amado, o Leão de Nárnia e da tribo de Judá. Àquele que com o seu olhar faz com que os meus vazios transbordem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	A busca de sentido e o vazio existencial na ótica da Logoterapia	8
2.2	O Pequeno Príncipe: uma releitura contemporânea e cinematográfica de um clássico da literatura	9
2.2.1	<i>Sobre os personagens principais</i>	10
3	METODOLOGIA	10
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
4.1	O vazio dos excessos: expressões do vazio existencial na contemporaneidade .	11
4.2	A busca de sentido na infância	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	15

AS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DE VAZIO EXISTENCIAL E A VONTADE DE SENTIDO NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME O PEQUENO PRÍNCIPE À LUZ DA LOGOTERAPIA

CONTEMPOR EXPRESSIONS NEAS OF EXISTENTIAL EMPTY AND THE WILL TO MEANING IN CHILDHOOD: AN ANALYSIS OF THE MOVIE THE LITTLE PRINCE IN THE LIGHT OF LOGOTHERAPY

Allany Kaline Nascimento Gomes¹

RESUMO

A infância é marcada pela abertura ao mundo e nesse período já é possível verificar uma orientação do ser para o sentido da vida. No entanto, a sociedade contemporânea e os seus efeitos podem gerar frustração nas crianças diante da busca por um sentido para existir, o que pode gerar impactos na esfera da saúde mental e do projeto de vida, considerando que a criança abre o caminho ao adolescente e ao adulto que virá. Nesse sentido, as produções cinematográficas se revelam como ferramentas potentes para uma compreensão ampliada sobre como essa fase da vida tem sido vivenciada e retratada na atualidade, por ilustrarem as limitações e as potencialidades das relações socialmente estabelecidas. Frente à isso, o presente estudo teve como objetivo analisar o filme "O Pequeno Príncipe" à luz da Logoterapia, a fim de compreender como as expressões do vazio existencial e a busca de sentido na infância são vivenciadas e retratadas na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa, de característica descritiva e analítica, tendo como procedimento de coleta de dados a pesquisa documental audiovisual. Sendo assim, foi realizada uma análise fílmica da animação baseada na obra literária de *Antoine de Saint-Exupéry*, "O Pequeno Príncipe" (2015), da *Paris Filmes*. Através da análise foi possível perceber que na atualidade a infância é atravessada por uma espécie de vazio que paradoxalmente é gerado pelos excessos. Os imperativos que estimulam a produtividade, o perfeccionismo, a alta performance, a competitividade e o consumismo podem gerar repercussões negativas na vida das crianças. Expectativas e cobranças elevadas atreladas a uma tendência reducionista, totalitarista e rígida, bem como a ausência de períodos de pausas, presença e de contemplação podem gerar frustração, ansiedade, sobrecarga, exaustão, sentimento de ineficácia, inadequação e de vazio, dificultando assim a expressão da dimensão noética através da criatividade, da autenticidade, do faz de conta, e da emocionalidade, características próprias da infância. Diante do cenário e dos laços sociais que se apresentam na atualidade, foi constatada a importância de um tutor que facilita e media a busca e o encontro com o sentido na infância através de valores vivenciais, criativos e de atitude. Foi percebida a relevância do encontro com o outro (através da amizade e do humor) e com o mundo (por meio da contemplação da natureza); o encontro com a arte, com as histórias, com o brincar e o sonhar; e a capacidade de autotranscendência, um processo de sair de si mesmo e dedicar-se a alguém e/ou a uma causa.

Palavras-Chave: infância; contemporaneidade; sentido

ABSTRACT

Childhood is marked by openness to the world, and during this period it is already possible to observe an orientation of the being towards the meaning of life. However, contemporary society and its effects can generate frustration in children when searching for a purpose to

¹ Aluna do Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI e da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: allanykaline@hotmail.com

exist, which can have an impact on mental health and life goals, considering that the child paves the way for the adolescent and adult to come. In this sense, cinematic productions reveal themselves as powerful tools for an expanded understanding of how this stage of life has been experienced and portrayed in modern times, as they illustrate the limitations and potentialities of socially established relationships. In light of this, the present study aimed to analyze the film "The Little Prince" through the lens of Logotherapy, in order to understand how expressions of existential emptiness and the search for meaning in childhood are experienced and portrayed in contemporary times. Thus, this is a qualitative research with descriptive and analytical characteristics, having as a data collection procedure the audiovisual documentary research. Therefore, a film analysis of the animation based on the literary work of Antoine de Saint-Exupéry, "The Little Prince" (2015) by Paris Filmes, was carried out. Through the analysis, it was possible to perceive that nowadays childhood is crossed by a kind of emptiness that is paradoxically generated by excess. The imperatives that stimulate productivity, perfectionism, high performance, competitiveness, and consumerism can have negative repercussions in children's lives. High expectations and demands linked to a reductionist, totalitarian, and rigid trend, as well as the absence of periods of rest, presence, and contemplation, can generate frustration, anxiety, overload, exhaustion, feelings of inefficacy, inadequacy, and emptiness, thus hindering the expression of the noetic dimension through creativity, authenticity, make-believe, and emotionality, which are characteristic of childhood. Given the current social landscape and ties, the importance of a tutor who facilitates and mediates the search for and finding of meaning in childhood through experiential, creative, and attitudinal values was found. The relevance of encountering the other (through friendship and humor) and with the world (through contemplation of nature); the encounter with art, stories, play, and dreaming, and the capacity for self-transcendence, a process of stepping out of oneself and dedicating oneself to someone and/or a cause, were perceived.

Keywords: childhood; contemporaneity; meaning.

1 INTRODUÇÃO

Todo ser humano, seja ele criança, adolescente, adulto ou idoso, de acordo com a antropologia frankliana, é único e possui dimensões biológicas, psicológicas e noéticas, sendo a última especificamente humana (SIMÕES, 2022). Na dimensão noética se encontram as capacidades que envolvem a consciência e a intencionalidade, como a possibilidade de decidir, de se dedicar a algo ou alguém, de criar, de compreender valores, de encontrar sentido e de viver de modo autêntico (AQUINO, 2013; FRANKL, 2008). Partindo desse pressuposto, a busca por um sentido é tida como um dos fatores centrais da existência humana.

Apesar disso, percebe-se que a sociedade contemporânea marcada pelo niilismo - concepção filosófica que reduz ao nada - frequentemente compreende a pessoa de forma reducionista, considerando a existência como provisória e esvaziada de sentido (DAMÁSIO, SILVA & AQUINO, 2010). Essa dinâmica atravessada pela perda de valores e falta de referências faz emergir uma vulnerabilidade ao totalitarismo e ao conformismo. Em ambos os casos a autonomia da pessoa se compromete, o que pode culminar no sentimento de falta de sentido, em outras palavras, em um vazio ou tédio existencial (AQUINO, 2015; FRANKL, 2016).

Segundo Frankl (2011), questionar-se pelo sentido da vida é uma característica específica do ser humano e que se inicia com o processo de maturação. No entanto, é quando a vontade de sentido é frustrada que a pessoa é tomada pelo sentimento de vazio existencial,

que pode se desdobrar por meio do tédio e da indiferença, ocasionando dependências, agressividade, depressão e/ou suicídio. Vale salientar que a depender da época e do contexto, as expressões de vazio podem apresentar novos elementos que são incorporados socialmente.

Na contemporaneidade poucos estudos vão além dos condicionamentos biológicos, psíquicos e sociais, pois não concentram-se em compreender o desenvolvimento humano a partir da concepção de pessoa que é motivada pela busca de sentido. A Logoterapia, por outro lado, compreende que por trás dos aspectos hereditários e ambientais, que são fatores condicionantes, mas não determinantes, encontra-se a pessoa espiritual, ou seja, o ser-que-decide (SIMÕES, 2022).

A infância, em comparação com as outras etapas do desenvolvimento, é um momento marcado pelo movimento de descobertas, abertura ao mundo e um voltar-se para si mesmo. Nesse período já é possível verificar uma orientação do ser para o sentido da vida (MARTÍNEZ, 2014), mas é com a aquisição da linguagem que a criança começa a reduzir as limitações psicofísicas e consegue manifestar a dimensão noética por meio do humor, da criatividade e dos interesses práticos e valorativos. Dessa forma, dá-se o autodistanciamento, a autotranscendência, bem como a expressão das inquietações existenciais (SIMÕES, 2022).

Com os imperativos por agilidade e produtividade, com aumento das incertezas e das ansiedades, do hedonismo e do individualismo, em nossa época, muitas crianças podem se encontrar frustradas diante da busca por um sentido para existir, o que pode gerar impactos na esfera da saúde mental e do projeto de vida, considerando que a criança abre o caminho ao adolescente e ao adulto que virá (SIMÕES, 2022).

Sendo assim, compreende-se que a infância e os fenômenos nela vivenciados estão contextualizados, e portanto, a contemporaneidade deixa suas marcas, tendo em vista que os modos como os coletivos e as sociedades se organizam repercutem nas formas de ser e estar no mundo, nas vivências e expressões de vazio existencial, e na busca por sentido, inclusive durante os primeiros anos de vida.

Uma fonte interessante que ilustra a dinâmica de uma época e os tipos de relações que uma criança estabelece consigo, com o outro e com o mundo, são as artes. As artes visuais, dentre as quais se encontram a fotografia e o cinema, costumam revelar problemáticas e potencialidades de uma determinada geração ou grupo (MENDES, 2021). Portanto, analisar como os clássicos da literatura estão sendo relidos e retratados no cinema atualmente é indispensável.

Pesquisar sobre as expressões contemporâneas de vazio existencial e a busca de sentido na infância se revela como relevante pois é imprescindível que, sobretudo, o campo da saúde se debruce na compreensão dos modos de sofrimento, bem como nas formas de preveni-los, promovendo saúde, bem-estar e possibilidades de sentido. Frente à isso, questionou-se: Diante das exigências da sociedade contemporânea, como o filme "O Pequeno Príncipe" ilustra as expressões de vazio existencial presentes na infância? E como a busca e o encontro com o sentido pode ser vivenciado nessa fase da vida?

A partir destas perguntas norteadoras, estabeleceu-se como objetivo geral: analisar o filme "O Pequeno Príncipe" à luz da Logoterapia a fim de compreender como as expressões do vazio existencial e a busca de sentido na infância são retratadas na contemporaneidade. Como objetivos específicos tem-se: 1. descrever as cenas do filme O Pequeno Príncipe que ilustram as expressões de vazio existencial contemporâneas presentes na infância; 2. destacar as influências das relações parentais e de tutores de sentido na vivência dos primeiros anos de vida da personagem principal do filme; 3. destacar as formas de buscar e encontrar sentido na infância ilustradas no longa-metragem; e, 4. Apontar a interlocução entre a Logoterapia e a releitura de um clássico da literatura.

Com esse trabalho espera-se contribuir para que educadores, famílias, psicoterapeutas, e pessoas envolvidas no processo do desenvolvimento infantil possam

trabalhar a temática da busca por sentido de forma contextualizada e criativa com as crianças, entendendo as especificidades da geração atual, com o objetivo de prevenir o vazio existencial, corroborando ainda mais com a temática e elevando os estudos e pesquisas em logoterapia e infância, tendo em vista a escassez de produções na área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A busca de sentido e o vazio existencial na ótica da Logoterapia

A Logoterapia e Análise Existencial preserva uma visão de pessoa única, que baseia-se em três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade de vontade envolve uma perspectiva antropológica na qual a pessoa não é “pandeterminada”, ou seja, completa e absolutamente determinada pelos condicionantes psíquicos (os instintos e o caráter), biológicos (a hereditariedade e o corpo) e sociais (meio ambiente físico e social) (PEREIRA, 2015). Sendo assim, é capaz de ser responsável por sua autoconfiguração, tendo em vista que em um horizonte limitado de alternativas pode ter condições de realizar uma ou outra possibilidade (PEREIRA, 2009).

Em relação à vontade de sentido, de acordo com Frankl (2011), o ser humano é, primordialmente, motivado pela busca pelo sentido na vida. Desse modo, esse compromisso básico da pessoa na direção de encontrar e realizar sentido e propósito de existência, provém da característica antropológica da autotranscendência (FRANKL, 2016). No que diz respeito à compreensão do pilar do sentido da vida, é necessário esclarecer brevemente a ontologia dimensional da Logoterapia e Análise Existencial, a qual considera o homem em três dimensões: biológica, psicológica e noética (espiritual), sendo essa última uma dimensão mais elevada onde sua essência se encontra (AQUINO, 2013).

Na dimensão biológica concentram-se os fenômenos fisiológicos/somáticos; e na dimensão psicológica a cognição, os comportamentos e os instintos. Essas duas dimensões são capazes de serem explicadas objetivamente, diferente da dimensão noética. Nesta última dimensão, se encontra aquilo de há de humano na pessoa, o que a difere dos outros seres, a dimensão que não pode adoecer (LUKAS, 1989).

A pessoa pode vivenciar o sentido em três aspectos diferentes, através do sentido na vida, da vida e sentido no mundo (suprassentido). O sentido na vida é um sentido de situação, ou seja, um sentido de tempo, uma pessoa em uma situação específica e em um momento histórico específico (MARTINEZ, 2009; ORTIZ & OSMAN, 2012., SOMMERHALDER, 2010). Enquanto o sentido da vida é uma percepção que se dá no panorama existencial. É uma experiência que proporciona uma razão de vida, o "porquê" diário que dá o valor na vida, ainda que esse porque seja encontrado perando o desagradável e o sofrimento (ORTIZ & OSMAN, 2012). O suprassentido, portanto, seria o sentido último, mais amplo e menos apreensível do ponto de vista intelectual (FRANKL, 2013).

O sentido pode ser vivenciado através dos valores criativos, que remetem àquilo que a pessoa cria ou deixa no mundo; dos valores vivenciais/experienciais, que são aqueles em que o ser humano recebe algo do mundo; e dos valores atitudinais que dizem respeito ao posicionamento da pessoa diante do sofrimento inevitável (FRANKL, 2012; FRANKL, 2011.; FRANKL, 2008). Em face disso, Frankl (2008) sintetiza que as três áreas da vida onde mais comumente se encontra sentido são em face do destino imutável e doloroso, no amor e no trabalho.

De acordo com Aquino et al. (2009), os seres humanos possuem a capacidade de autotranscendência, ou seja, a capacidade de voltar sua existência para fora de si mesmo. É possível autotranscender visando um sentido a preencher, uma pessoa a encontrar e/ou uma

causa a cumprir. Quando não somos capazes de esquecer e superar a nós mesmos, quando não nos voltamos para o outro, ficamos mais suscetíveis a entrar em crises existenciais.

A busca de sentido não envolve um equilíbrio interno, ao contrário, acarreta certo grau de tensão. Frente a isso, problematizar a própria existência e perguntar pelo seu sentido é uma característica específica do ser humano. No entanto, quando a pessoa é tomada pelo sentimento de falta de sentido e de vazio é um indicativo de que a vontade de sentido foi frustrada (AQUINO, 2013).

No tocante à etiologia do vazio existencial, é importante considerar duas grandes perdas que a humanidade vivenciou durante o seu desenvolvimento, a saber: a perda dos instintos e da tradição. O ser humano, portanto, deixou de ser orientado pelos instintos e pela tradição. Em decorrência disso, há uma falta de direcionamento existencial. Desse modo, os indivíduos se tornam mais vulneráveis ao conformismo e totalitarismo, ou seja, tendem a fazer o que os outros fazem ou o que os outros querem. Essa dinâmica reflete uma vivência inautêntica e pode reforçar o vazio existencial.

O vazio existencial se manifesta por meio do tédio, da falta de interesse e da indiferença, o que pode ocasionar transtornos psicossociais, tais como a tríade da neurose de massa: drogadição, agressão e depressão/suicídio. Esse vácuo pode se manifestar também como “neurose dominical”, quando a falta de conteúdo da vida se torna consciente em momentos de pausas ou rupturas, a exemplo do fim de semana, aposentadoria e desemprego.

De acordo com Aquino et al. (2012), o sofrimento e a ausência de sentidos constituem um vazio existencial que muitos vivenciam, no entanto, os sintomas podem ser experimentados de forma diferente dependendo do grau de vacuidade existencial. Sommerhalder (2010) esclarece que a falta de sentido poderia desencadear sintomas como ansiedade, depressão, falta de esperança e declínio físico. Vale salientar também que o vazio existencial pode se apresentar de formas diferentes a depender da época. Na atualidade, por exemplo, com o uso exacerbado dos eletrônicos o vazio enreda a vida on-line e off-line.

A falta de sentido, ou "vazio existencial", por si só não causa doença, apesar de ter esse potencial. Uma de suas possíveis consequências é a neurose noogênica - o conflito do indivíduo com seus valores (FRANKL, 1990).

É nas frustrações existenciais que surgem as neuroses noogênicas (FRANKL, 2008), como a ansiedade e depressão, que podem ter como causa o vazio existencial. Os pacientes que se queixam do sentimento de falta de sentido, sentem-se perseguidos e presos pelo vazio existencial. Sendo assim, carecem da consciência de um sentido pelo qual vale a pena viver.

2.2 O Pequeno Príncipe: uma releitura contemporânea e cinematográfica de um clássico da literatura

Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe, conhecido como Antoine de Saint-Exupéry nasceu em 29 de junho de 1900, em Lyon, na França, e viveu sua infância e parte da adolescência no castelo Saint-Maurice de Rézens (BARROS, 2021). Desde sua fase infante-juvenil, aspirava pela aviação, sonho que conseguiu concretizar na fase adulta. Apesar de alguns acidentes aéreos sofridos, desenvolveu uma carreira promissora na área (CASTRO, 2019). Antoine de Saint-Exupéry costumava ilustrar e escrever livros que relatavam aventuras de pilotos de avião. Até onde se sabe, foram escritos e publicados oito livros com enredos que envolvem heroísmo, sacrifício, responsabilidade, solidariedade, simplicidade e reflexões existenciais.

Em 6 de abril de 1943, foi publicado O Pequeno Príncipe, hoje considerado um clássico da literatura. O livro foi escrito enquanto o autor estava exilado nos Estados Unidos da América (EUA), em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Nessa obra, Antoine de

Saint-Exupéry relembra a criança sonhadora e curiosa que existia dentro de si (BARROS, 2021). O escrito conta a história de um encontro entre um menino sensível e questionador, nomeado como Pequeno Príncipe, e um piloto - narrador - que caiu com seu avião no deserto do Saara. O Pequeno Príncipe apresenta questionamentos e conta sobre sua jornada em diferentes planetas, onde conheceu um rei vaidoso, um bêbado, um homem de negócios, um acendedor de lampiões, uma raposa, uma serpente e várias rosas. Frente à esse encontro, unindo realidade e imaginação, o leitor é convidado a repensar sobre questões humanas e que apontam para uma vida com sentido.

Apesar de ser inicialmente identificada como leitura direcionada ao público infantil, a obra tem sido contemplada por pessoas das mais diversas idades e épocas. Sendo assim, o livro é o terceiro mais traduzido - mais de 220 línguas e dialetos. A obra já teve diversas edições publicadas em estilos diferentes. Ganhou um filme em *live action* em 1974, dirigido por Stanley Donen, e virou desenho animado.

Em 2015, na 68ª edição do Festival de Cannes, ocorreu a estreia mundial do filme "O Pequeno Príncipe", primeira adaptação animada em longa-metragem da obra, dirigido por Mark Osborne e roteirizado por Bob Persichetti e Irena Brignull (SOUZA, 2021). No filme foram inseridos elementos da contemporaneidade, a saber: ênfase em alta performance e produtividade; sobrecarga e exaustão; dificuldade em se ter pausas e momentos de contemplação; a adultização da criança; o esquecimento da infância e da imaginação; e a maternidade solo.

2.2.1 Sobre os personagens principais

A protagonista do filme é uma Pequena Garota, que se encontra na fase da infância, e que está sendo “preparada” por sua mãe para um mundo competitivo, acelerado e apático no qual vivem. A Mãe, por sua vez, exerce a maternidade de forma solo, e realiza atividades laborais remuneradas; com isso, apresenta uma dinâmica de comportamento rígido, acelerado e sistemático, o que reflete na educação e no relacionamento com sua filha.

O Aviador é um idoso extrovertido, criativo e sensível, que se torna vizinho da Pequena Garota. Ambos se conheceram devido a curiosidade da menina pela única casa diferente em uma vizinhança padronizada e sem abertura ao diálogo. Nesse encontro, o Aviador buscará apresentar a Pequena Garota o mundo da imaginação, da brincadeira, dos afetos e da contemplação. O Pequeno Príncipe - personagem imaginário da história do Aviador - chamado de Sr. Príncipe, é um jovem adulto exausto e preocupado que foi atravessado por uma lógica reducionista, e que vive a vida de modo automático, sentindo-se frustrado.

3 METODOLOGIA

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa, de característica descritiva e analítica, tendo como procedimento de coleta de dados a pesquisa documental audiovisual. Sendo assim, foi realizada uma análise fílmica da animação baseada na obra literária de *Antoine de Saint-Exupéry*, “*The Little Prince*”, na tradução para o português, “O Pequeno Príncipe” (2015), da *Paris Filmes*, dirigida por Mark Osborne, com 1h 47 minutos de duração.

De acordo com Vanoye (1994), a análise de um filme possui dois elementos fundamentais, sendo estes: 1. a descrição, na qual se desconstrói materiais que geralmente não são percebidos isoladamente a olho “nu”, e 2. a interpretação, processo de estabelecimento de elos e associações entre os elementos. Nesse procedimento, o analisador ativo examina

tecnicamente, submete o filme a suas hipóteses e instrumentos de análise, exercita o distanciamento e compreende o processo como sendo do campo reflexivo e da produção intelectual.

Desse modo, o longa-metragem foi compartimentado em cenas de acordo com os conteúdos e falas apresentadas. Após isso, foram selecionadas as cenas que estão diretamente relacionadas ao problema pesquisado, sendo excluídas as demais cenas por não se enquadrarem nos critérios de inclusão já mencionados. Por conseguinte, para subsidiar o desenvolvimento da interpretação, foi realizado um levantamento bibliográfico de obras clássicas da área da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, bem como de estudos contemporâneos sobre a compreensão da infância de acordo com os princípios da Logoterapia. Frente à isso, os estudos foram selecionados de acordo com o critério de conveniência, considerando a temática a ser investigada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O vazio dos excessos: expressões do vazio existencial na contemporaneidade

Na cena “Narração inicial”, o piloto - e narrador - relembrou momentos de sua infância e disse: “**Mostrei a minha obra prima** para os adultos. Eles nunca entendem nada [...] aconselhavam que eu me dedicasse a outras coisas [...] **seguí os conselhos que eles me deram** e virei um adulto [...] **acho que o mundo está adulto demais**”. Os desenhos do piloto eram sua obra prima, expressando os valores criativos e a autenticidade mergulhada no mundo da fantasia. No entanto, cedendo a uma tendência totalitarista, ao invés de dedicar-se a sua arte, em alguma medida, o aviador fez o que os adultos disseram que ele deveria fazer: dedicar-se ao estudo de aritmética.

Thiago Aquino (2015) problematiza a questão do totalitarismo através de uma parábola de autor desconhecido, que narra a vivência de uma criança que gostava de desenhar mas na escola a professora sempre definia quando, como, e o que desenhar. Mesmo o menino apreciando mais da sua forma de fazer, calou-se, seguiu as instruções e deixou de lado a sua criatividade. Certo dia a criança precisou mudar de cidade e de escola, onde finalmente poderia desenhar livremente. Porém, de tanto replicar o desenho ordenado na escola anterior, sentiu-se travado e não conseguiu expressar sua autenticidade através da arte. A reflexão central trata-se de que se todos fazem o mesmo desenho e usa as mesmas cores, como saber quem fez o quê? Como identificar a personalidade da obra de uma criança quando ela não é livre para se expressar e é chamada apenas a reproduzir?

O narrador via de regra menciona os adultos fazendo referência a uma tendência reducionista, padronizada e rígida. Pautados na pressa, são colocados como pessoas que não entendem as coisas sensíveis, pois elas demandam a pausa, a contemplação e o encontro. Sendo assim, a influência e a autoridade exercida pelos adultos podem potencializar ou limitar a criatividade da criança, a depender da forma que a infância é conduzida.

A cena “Mãe e filha nos preparativos para uma seleção” retrata a Pequena Garota na companhia de sua mãe, se preparando para um processo seletivo de uma grande escola. A mãe dava comandos constantes: “**Coluna ereta, sorria, mas menos**”. A criança treinava os comportamentos e as reações. No fundo da cena algumas crianças saíam do auditório da escola ao lado dos pais que eram quem choravam desesperadamente por causa reprovação dos filhos. Tal recorte demonstra que na sociedade contemporânea as crianças precisam crescer, se qualificar, performar e competir cada vez mais rápido. Os pais, imersos nessa

lógica acelerada, podem ser levados a depositar nos filhos expectativas pesadas demais, quase que em um retorno a visão da criança como um adulto em miniatura, como apresenta Ariès (1981). Esse movimento pode gerar o enfraquecimento da espontaneidade, a frustração e o aumento da ansiedade nessa primeira fase da vida da criança.

Na cena “Apresentação e avaliação da Pequena Garota”, quando a criança entra no auditório e começa a ser questionada e avaliada, a “banca” composta por profissionais da escola, pontua: **“Examinamos a sua ficha e o seu histórico. É... você fez o seu dever”**. Percebe-se que mesmo com tão pouca idade as crianças já correm o risco de vincular o seu valor e sua dignidade aos resultados que conseguem atingir. O contexto educacional tem sido palco de uma obsessiva necessidade de cada vez mais cedo a criança adquirir habilidades e competências de um adulto visando ingressar no mundo adulto (OLIVEIRA E DA SILVA, 2016). Ainda que entreguem notas elevadas, podem não receber o reconhecimento, incentivo e acolhimento adequado, o que pode contribuir para desmotivação e sentimento de ineficácia.

O filme retrata que a escola tinha uma pergunta-chave que era determinante na aprovação ou não dos alunos. Na época em que a mãe da Pequena Garota participou da seleção a pergunta feita era sobre as razões da criança merecer estar lá, mas por algum motivo, mudaram a pergunta e questionaram: **“O que você quer ser quando crescer?”** A criança não sabia responder, passou a repetir falas ensaiadas e desconexas. **“Parece que mudaram a pergunta”**, disse a mãe. A vida apresenta situações e questionamentos que são irrepetíveis, sendo assim, ainda que haja a tentativa de ter previsibilidade e controle, há sempre algo que escapa. Com o enfraquecimento dos recursos noéticos, uma resposta criativa e autêntica a quem ou ao o que questiona a criança fica cada vez mais distante.

Na cena “Mãe e filha de volta para casa após reprovação”, que ilustra o retorno da mãe e da Pequena Garota para o lar depois da reprovação no processo seletivo, o som do rádio - que está sendo reproduzido no carro - anuncia o seguinte: **“Em assuntos sérios de hoje: Ninguém está satisfeito com a sua situação e o nível da produtividade tem aumentado”**. Em casa, a mãe afirma: **“Você não pode cometer mais erros [...] Vai ser uma adulta maravilhosa”**. Essa cena demonstra como na contemporaneidade as pessoas tem sido atravessadas pelo imperativo da produtividade excessiva e do perfeccionismo, questões que respingam na infância e que são legitimadas por serem compreendidas pela sociedade como um assunto “sério”.

O fato é que o excesso de seriedade pode privar o ser de enxergar além. Parafraseando Adélia Prado, ser sério demais pode tirar a poesia do olhar, fazer com que a pessoa veja só uma pedra, ou só um chapéu em vez de uma jiboia que engoliu um elefante. Seriedade em excesso priva do riso, de rir inclusive do que é temido, do sofrimento que outrora dilacerou. O humor é estruturante, sobretudo na infância.

A Pequena Garota ainda questionou: **“Eu mereço estar lá?”** - se referindo a escola - ao passo que a mãe respondeu: **“Vai merecer, eu tracei um plano para a sua vida”**. O plano - da mãe - determinava horário para todas as atividades da criança, que eram sobretudo acadêmicas. Não havia espaço para o brincar, para o descanso e para interações sociais, o dia era uma espécie de cumprimento de um *check list*, com o tempo cronometrado. Sabe-se da importância de estabelecer rotinas e combinados para as crianças, no entanto, quando isso se dá de modo exacerbado e pouco flexível, atrelado a exigências sobrehumanas, pode ser danoso, causar sobrecarga e exaustão na criança, que passa a se ocupar mais com o futuro do que com o aqui e o agora, com o ser criança.

A criança precisa despertar para o seu projeto existencial a medida que se desenvolve, no entanto, quando um terceiro assume totalmente os rumos da vida desse ser, a orientação para o futuro e a autonomia fica prejudicada. De acordo com Aquino (2015), a família enquanto núcleo psicossocial do ser humano tem o dever de transmitir os valores, oferecer certo conteúdo de sentido e estabelecer necessidades recíprocas.

Vale salientar que a dinâmica da mãe solo, sem rede de apoio, com responsabilidades ocupacionais, com pouco tempo para a interação com a filha e para o autocuidado repercute na maternagem e no modo que a criança se desenvolve. Obviamente, há casos de negligência e abandono infantil, no entanto, em várias situações o contexto social e a falta de rede de apoio são mecanismos de risco para saúde mental de todo o núcleo familiar (GAINO ET AL., 2019).

Na cena “Um encontro surpreendente”, o piloto idoso alegre e espontâneo, sem intenção acertou a hélice do seu avião no muro da casa de suas vizinhas: a Pequena Garota e sua mãe. Quando houve esse incidente, a criança prontamente afirmou: **“Tenho que ligar para o seguro e fazer uma cópia da chave”**. O que demonstra que a mesma já havia internalizado papéis e responsabilidades que não cabiam a uma criança. Nessa fase a criança precisa ser co-regulada e apoiada frente aos eventos estressores, tendo em vista que ainda não tem repertório cognitivo e emocional para responder de forma adaptativas a algumas adversidades (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

O recorte da cena “O vazio dos excessos” mostra que a Pequena Garota ganha o mesmo presente todos os anos na época do seu aniversário e se frustra. Isso aponta para uma tendência dos pais a preencher alguns vazios e faltas com presentes ou bens materiais, quando na verdade seria interessante proporcionar experiências regadas com presença e ludicidade. Vale salientar que o consumo desenfreado pode se revelar como uma expressão de vazio existencial (SILVA, 2011).

Não se pode ignorar o contexto coletivo que o longa-metragem retrata. A arquitetura das casas padronizadas, as cores todas iguais: cinzas. Os vizinhos estão sempre sérios, rígidos, evitando contato, e tendendo ao isolamento. Essa dinâmica demonstra o movimento da família que hoje é vivenciada muito mais em âmbito privado e não mais em comunidade (ARIÈS, 1981). Esse processo impacta nas interações sociais e no brincar da criança.

Quando o vizinho idoso toma a iniciativa de estabelecer uma amizade com a Pequena Garota, em momentos criativos e imaginativos, a exemplo da contação de histórias, a menina tendia a racionalizar a narrativa. O que demonstra a perda de características próprias da infância, como o sonhar, o faz de conta, e até mesmo a emocionalidade (OLIVEIRA E DA SILVA, 2016), em decorrência da criança ter sido sempre chamada a um lugar de considerar apenas a objetividade, os resultados e a concretude, deixando de lado aspectos mais sensíveis. Tal capacidade precisa ser despertada e resgatada, tendo em vista que a dimensão noética não adoece, mas por vezes enfrenta algumas limitações psicofísicas para se expressar.

A Pequena Garota chegou a afirmar: **“Já não sei se quero ser adulta”** quando percebeu de modo mais nítido o compartimento de sua mãe, a sua rotina, e como o “mundo dos adultos” era sem cor e automático. Em épocas anteriores as crianças aspiravam ser adultas um dia, hoje, parecem ser chamadas a viver essa realidade de modo precoce. O que pode resultar em crianças que não desfrutaram da infância e em futuros adultos exaustos por terem lidado com sobrecargas desde os primeiros anos de vida.

4.2 A busca de sentido na infância

Mesmo em meio a uma lógica complexa e rígida, a cena “Uma surpresa fantástica” retrata a Pequena Garota sendo surpreendida por um pedaço de papel onde consta um rascunho da história do Pequeno Príncipe. Esse recorte do filme ilustra o quão importante é deixar-se ser surpreendido pela vida, pelos encontros que não estavam na agenda, pelo inesperado. **“Achei que você precisava de um amigo”**, disse o vizinho idoso da menina.

O piloto se revela como um tutor de sentido (MARTINEZ, 2009), demonstrando a relevância dos valores vivenciais na infância quando concebe a amizade como algo necessário na vida de uma criança. A cena “Um ombro amigo” demonstra novamente a

importância do valor vivencial quando o idoso leva a Pequena Garota para observar o pôr do sol e as estrelas. É uma espécie de retorno a contemplação, o desfrutar da possibilidade de receber do mundo, da natureza, de vislumbrar o belo com calma.

O processo de abertura para o mundo é um abrir-se ao risco. O recorte da cena “Sorrindo da dor” mostra que enquanto brincava com o velhinho, a Garota caiu de uma árvore, se machucou e ficou com medo de brincar novamente. O vizinho carismático ao invés de reforçar os temores, se utilizou do humor quando olhou para o machucado da criança e afirmou: **“Vamos ter que amputar”**. Sorrir faz com que a criança se eleve acima da dor ou do sofrimento, e reduz as chances do desenvolvimento de um medo paralisante ou de fobias. Sendo assim, o humor usado de modo adequado na infância, se revela como um mecanismo de proteção.

Os valores vivenciais foram atrelados aos valores criativos, tendo em vista que o piloto “aposentado” convidou a Garotinha para entrar em sua casa, que era colorida, e tinha músicas tocando. **“A medida que vai se vivendo, algumas coisas colam em nós”**, disse o vizinho da menina. A casa do piloto abriu várias possibilidades e de certo modo demonstrou as riquezas subjetivas de quem teve experiências diversas. A menina se divertiu com o trivial, com o simples, embarcou no mundo das histórias, fantasias e brincadeiras, e aprendeu indiretamente que ao entregar algo ao mundo recebe-se elementos em troca, se é transformado.

Em um momento crítico onde o velhinho estava hospitalizado, a Pequena Garota demonstrou autotranscendência, pois foi capaz de sair de si e de se elevar acima do sofrimento (FRANKL, 2011). Assim, teve coragem de embarcar em uma aventura para procurar o Pequeno Príncipe, que se encontrava no mundo dos adultos vivendo de forma automática. Após enfrentar personagens caricatos que só pensavam em possuir bens materiais e em acelerar o crescimento das crianças retirando toda curiosidade e esperança típica da infância, a Pequena Garota retoma ao seu lar e a sua rotina.

Há algumas dores e sofrimentos que a criança precisa enfrentar pois são inevitáveis, a exemplo de um adoecimento, separação dos pais, o processo de luto, e outros ((PAPALIA E FELDMAN, 2013). A cena “Contemplando o deserto” ilustra esse movimento quando o piloto afirma que nem sempre vai estar por perto, e a convida: **“Vamos procurar um poço”**. É sabido que **“o que torna belo o deserto é que nele se esconde um poço em algum lugar”**. Socialmente e existencialmente uma criança pode se encontrar em um deserto, mas é sempre possível que a criança junto com um tutor de sentido procure um “poço”, ou seja, se mobilize em prol de um motivo para continuar, de um refrigerio para a existência. Esse recorte faz referência ao otimismo trágico, ao encontrar sentido no sofrimento, a vivência do valor atitudinal (FRANKL, 2008).

Toda a aventura fez com que a Pequena Garota tivesse compaixão de alguns adultos que foram enredados pelos imperativos sociais. Ao invés de reduzir e culpabilizar sua mãe, a criança alargou sua percepção sobre sua cuidadora, que também se abriu para conhecer a história do Pequeno Príncipe, compilou os rascunhos e criou um livro com a narrativa, e se entregou a momentos de contemplação da natureza junto com a filha. A mãe finalizou dizendo para a filha: **“Você vai se tornar uma adulta maravilhosa”**, agora não mais pautado em resultados e performance, mas na subjetividade da criança que foi percebida de modo peculiar.

O piloto carismático responde o temor da Garotinha - e de tantas crianças da sociedade atual - que não sabia se queria ser adulta: **“O problema não é ser adulto, esquecer que é. Eu me tornei adulto mas não esqueci o Pequeno Príncipe”**. Não esquecer do Pequeno Príncipe é lembrar da autenticidade, da fantasia, do dever ser, do encanto e do encontro. Não esquecer do Pequeno Príncipe é viver em busca de sentido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a infância é um processo complexo pois envolve uma série de fatores que devem ser levados em consideração, como o tempo e o espaço no qual o desenvolvimento da criança acontece. Frente à isso, por ilustrarem as limitações e as potencialidades das relações socialmente estabelecidas, as produções cinematográficas se revelam como ferramentas potentes para uma compreensão ampliada sobre como essa fase da vida tem sido vivenciada e retratada na contemporaneidade. Analisando a releitura cinematográfica do clássico da literatura: O Pequeno Príncipe, foi possível perceber que a infância na contemporaneidade é atravessada por uma espécie de vazio que paradoxalmente é gerado pelo excesso.

Os imperativos que estimulam o individualismo, a produtividade, o perfeccionismo, a alta performance, a competitividade e o consumismo podem gerar repercussões negativas na sociedade, no âmbito familiar e educacional, e, conseqüentemente, na vida das crianças. Expectativas e cobranças elevadas atreladas a uma tendência reducionista, totalitarista e rígida, bem como a ausência de períodos de pausas e de contemplação pode gerar frustração, ansiedade, sobrecarga, exatão, sentimento de ineficácia, inadequação e de vazio, dificultando assim a expressão da dimensão noética através da criatividade, da autenticidade, do faz de conta, e da emocionalidade, características próprias da infância.

Apesar do cenário e dos laços sociais que se apresentam na atualidade, o longa-metragem também ilustra a importância de um tutor que facilita e medeia a busca e o encontro com o sentido na infância através de valores vivenciais, criativos e de atitude. No tocante aos valores vivenciais, demonstrou-se a relevância do encontro com o outro (através da amizade e do humor) e com o mundo (por meio da contemplação da natureza). Em relação aos valores criativos, foi ilustrado o encontro com a arte, com as histórias, com o brincar e o sonhar. No que diz respeito aos valores atitudinais foi retratada a tomada de decisão frente ao adoecimento e a hospitalização, onde foi demonstrada a autotranscendência, um processo de sair de si mesmo e dedicar-se a alguém e/ou a uma causa.

Frente a tais questões se coloca como urgente pensar novas possibilidades, tecer ou fortalecer mecanismos de proteção da criança e de promoção de sentido na infância, a fim de reduzir os danos da dinâmica pautada em excessos que vem sendo consolidada socialmente nos últimos anos. Para superar o desencanto com a própria existência, torna-se necessária uma ação conjunta que envolva família, a escola e a espiritualidade humana.

A família enquanto primeiro núcleo psicossocial da criança tem o dever de transmitir os valores, oferecer certo conteúdo de sentido e estabelecer necessidades recíprocas. A escola deve auxiliar na descoberta do projeto existencial na fase infanto-juvenil, esculpindo as condições e habilidades necessárias para a sua execução. Por fim, a espiritualidade se torna responsável por consolidar os valores de autotranscendência e transmitir esperança às crianças e jovens.

Tendo em vista a complexidade do tema e a escassez de produções científicas que abordem a infância em interface com o vazio existencial e com a busca de sentido, sugere-se a elaboração de mais pesquisas, sobretudo pesquisas de campo. É através de uma maior compreensão acerca dos impactos e dos desdobramentos desses na fase infantil que será possível a elaboração de políticas públicas coerentes com as demandas desse grupo, bem como uma melhor assistência pública.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. **Sentido da vida e valores no contexto da educação: Uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl.** 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl.** São Paulo: Paulus, 2013 (Coleção Logoterapia).

AQUINO, T. A. A. et al. Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2009, 29 (2), 228-243. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200003. Acesso em: 10 de mar 2023.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Libros tecnicos e científicos editora, 1981.

CASTRO, Kesia Peres de. O pequeno príncipe: uma reflexão sobre as personagens literárias e sua relação com os perfis humanos na contemporaneidade. 2019.

DAMÁSIO, B.F.; SILVA, J. P; AQUINO, T.A.A. (Orgs.) **Logoterapia e educação: fundamentos e prática.** São Paulo: Paulus, 2010.

DE BARROS, F. T. B. et al. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras Proletras.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia.** São Paulo: Paulus, 2011. - (Coleção Logoterapia)

_____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 25 ed. - São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial.** ed. 6. São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. **A presença ignorada de Deus.** Editora Sinodal, 2013.

GAINO, L. V. et al.. **O papel do apoio social no adoecimento psíquico de mulheres.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 27, p. e3157, 2019.

LUKAS, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito.** Santos, SP: Loyola, 1989.

MARTÍNEZ, C. S. **Orientando a la infância hacia el sentido: una mirada desde la Logoterapia de Viktor Frankl.** Editorial Faros de Sentido. Bogotá, Colômbia, 2014.

MENDES, E. C. **Combates pelo cinema: da importância de ver, ouvir e ler narrativas audiovisuais na escola.** Comunicação, cultura e jornalismo cultural, p. 71-92, 2021.

ORTIZ, E. M., OSMA, J. E. J. Validación de la prueba “Sentido del Trabajo” en población colombiana. **Psicología desde el Caribe.** Universidad del Norte. Vol. 29 (1): 64-86, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0123-417X2012000100005&lng=e&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 08 de fev 2023.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 12ed. Porto Alegre: AMGH. 2013.

PEREIRA, I. S. **Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl**. Psicologia USP [online]. 2015, v. 26, n. 3 [Acessado 25 Fevereiro 2023], pp. 390-396. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420140036>>. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140036>.

_____. **A ética do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl**. 2009. 125 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza (CE), 2009.

SOMMERHALDER, C., Sentido de Vida na Fase Adulta e Velhice. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 23(2), 270-277. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/5v6q9vZPD8mtDjLf8WqTPMF/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar 2023.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, L. B. da. **Sobre consumo e consumismo: a consumação do vazio, o ter, a logoterapia e o ser**. 2011. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SIMÕES, R. F. M. **Logoterapia com crianças e adolescentes: teoria e prática**. Belo Horizonte: Artesão, 2022.

_____. Promoção do sentido na infância: Um relato de experiência com crianças em situação de vulnerabilidade. 2016. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

SOUZA, Débora Mendes de. **O Pequeno Príncipe: das páginas do livro para as telas do cinema**. 2021. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Audiovisual) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus triúno - Pai, Filho e Espírito Santo, por Seu amor e por Sua infinita graça que me permitem enxergar beleza na Sua criação e poesia nos dias que me concede. Agradeço por fazer com que os meus invernos deem lugar a primavera. A Ti, o que sou e o que tenho.

A Jeferson Rafael - meu esposo, melhor amigo e maior incentivador, por compartilhar seus dias comigo e por ser quem é: simples, verdadeiro e amoroso. Agradeço pela dedicação com a qual você rega, abriga e escuta a sua Rosa - ou flor, como você me chama. O nosso encontro me transforma todos os dias.

A minha mãe Maria Nascimento e ao meu pai Luciano Vicente, pois sem vocês não seria possível chorar ou sorrir. Através de vocês eu pude ser. Agradeço por tudo que fizeram e tentaram fazer para o meu bem.

Aos meus irmãos, Allan e Amanda Gomes, por serem grandes companheiros em dias ensolarados ou nublados. Vocês são preciosos, amados e me motivam a ser melhor.

A Elaine Gusmão, por ser tão humana, delicada, humilde e cuidadosa. Agradeço pelo nosso encontro, por você ter me apresentado a Logoterapia, e por acreditar e confiar na pessoa que sou e no trabalho que realizo. Você me inspira.

A Bruno Gama, por tamanha sensibilidade com que escuta meus dilemas e minhas alegrias. Agradeço pois mesmo conhecendo os porões mais densos e escuros que há em mim, você lança luz em matérias primas e colabora para que eu faça uma obra de arte com os cacos, com o caos, com as cores e com os amores.

A Nicolas Azevedo - que às vezes é Eureka, Morcego e tantos outros personagens, por ser o Pequeno Príncipe que eu encontrei no caminho, que me faz desenhar “carneiros”, que me faz perguntas inusitadas, que inunda os meus assuntos “sérios” com seu mundo de fantasia, e me apresenta tantos outros possíveis. Agradeço por me cativar e por se deixar ser cativado por mim.

A Gabriela Lima, por sua amizade, parceria e encorajamento. Agradeço pelo seu acolhimento e comprometimento, por você ter mergulhado junto comigo na Logoterapia, e por se lançar aos desafios que a vida nos apresenta.

A Rayanne Alves, por sua amizade e por ter me apresentado a história do Pequeno Príncipe com tanto amor e sensibilidade.

A Raisa Mariz, minha orientadora e companheira de profissão, por exalar simplicidade, leveza, verdade e paixão. Agradeço pois um dia você teve a coragem de desbravar esse belo campo que é a infância vista à luz da Logoterapia.

A todos que fizeram parte do Curso de Especialização da UEPB, em especial, os professores e colegas de turma, por ampliarem o meu olhar sobre a vida e o ser humano.

A todos que cresceram, se tornaram adultos, mas não esqueceram do Pequeno Príncipe, assim como eu.